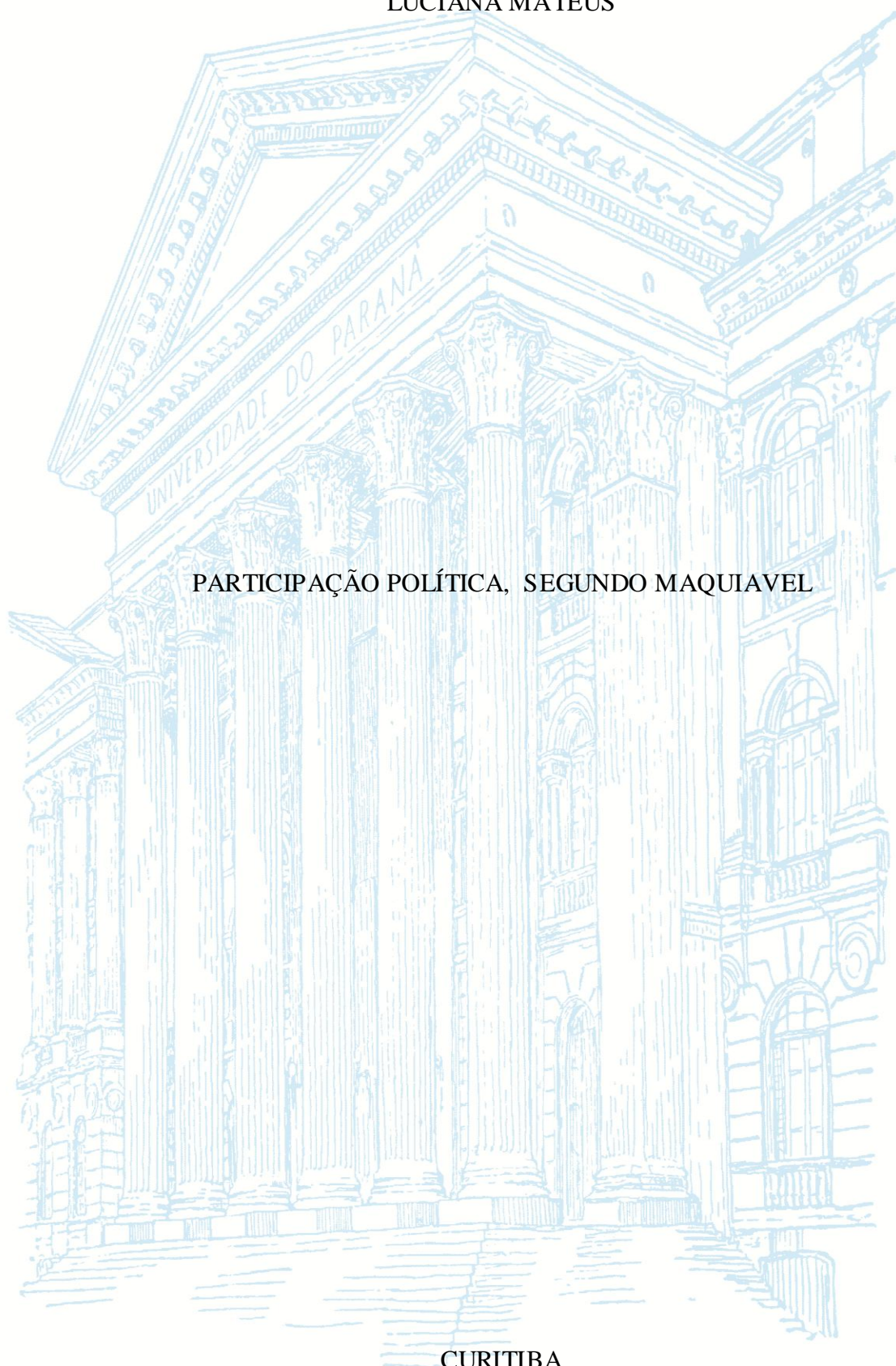


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

LUCIANA MATEUS

PARTICIPAÇÃO POLÍTICA, SEGUNDO MAQUIAVEL

CURITIBA
2018



LUCIANA MATEUS

PARTICIPAÇÃO POLÍTICA, SEGUNDO MAQUIAVEL

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Filosofia no Ensino Médio, do Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do grau de especialista em Filosofia.

Orientador: Prof. Eloyluz de Souza Moreira

CURITIBA

2018

TERMO DE APROVAÇÃO

LUCIANA MATEUS

PARTICIPAÇÃO POLÍTICA, EM MAQUIA VEL

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Filosofia no Ensino Médio, do Setor de Educação da UFPR, como requisito parcial à obtenção do grau de especialista, sob avaliação da seguinte banca examinadora:

Prof. Orientador: Eloyluz de Souza Moreira

Curitiba, 10 de junho de 2018.

A todos que contribuíram para a realização desse trabalho

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por estar sempre comigo e pela saúde e disposição que permitiu a realização desse trabalho.

Agradeço aos meus pais, Assis e Izabel, pelo carinho, apoio e incentivo e compreensão na ausência nos finais de semana do curso.

À Professora Rosana Júlia Martins, pela disposição e incentivo para profissional

Aos amigos que sempre estiveram presente e apoiando.

Agradeço de coração a todos que de alguma forma contribuíram para a realização deste trabalho.

“Eu sou o mestre do meu destino:
Eu sou o capitão de minha alma”!

Nelson Mandela

RESUMO

Este trabalho apresenta uma análise sobre a participação dos jovens na política do Brasil, a partir observação da falta de interesse dos jovens em participar ativamente da política no dia a dia, do desconhecimento sobre o conceito de política e da necessidade de esclarecer o prejuízo que se tem quando não se participa, tendo como referência, a política de Maquiavel. Para tanto, os aspectos da vida política prática vivenciada por Maquiavel, bem como a realidade da política brasileira atual foram abordadas de forma a demonstrar que os políticos usam os meios imorais para conquistar ou para manter-se o poder. Para facilitar a compreensão da necessidade de participar das decisões políticas, que não são exclusivamente por processo eleitoral, foi usada uma enquete entre os alunos sobre o quanto não tem interesse, citações de trechos do livro da política de Maquiavel e também exemplos de situações bem sucedidas que demonstre que a participação política é fundamental em uma sociedade democrática e exemplos de situações prejudiciais aos cidadãos quando estes se omitem em participar diariamente de assuntos políticos. Que a leitura leve a reflexão de que a falta de interesse em não em não participar das decisões políticas causa prejuízo a toda a população e percebam que a mudança começa pela educação política para o exercício da cidadania.

Palavras-chave: Política. Maquiavel. Participação. Jovens.

ABSTRACT

This paper presents an analysis of the participation of young people in Brazilian politics, based on observation of the lack of interest of young people in actively participating in politics on a daily basis, ignorance about the concept of politics and the need to clarify the has when it does not participate, having as reference, the policy of Machiavelli. In order to do so, the aspects of practical political life experienced by Maquaivel, as well as the reality of current Brazilian politics, have been approached in order to demonstrate that politicians use the immoral means to conquer or to maintain power. To facilitate the understanding of the need to participate in political decisions, which are not exclusively by electoral process, a poll was used among students about how much they are not interested, quotations from the book of Machiavelli's policy and examples of successful situations which demonstrates that political participation is fundamental in a democratic society and examples of situations harmful to citizens when they fail to participate in political affairs on a daily basis. Let the reading lead to the reflection that the lack of interest in not not participating in political decisions causes harm to the entire population and realize that the change begins with political education for the exercise of citizenship.

Keywords: Politics. Machiavelli. Participation. Young

LISTA DE TABELAS

GRÁFICO 1 – O QUE É POLITICA?.....	33
GRÁFICO 2 – PARTICIPAÇÃO POLÍTICA.....	34

LISTA DE SIGLAS

TV	- Televisão
ONG	- Organização não governamental
CF	- Constituição Federal do Brasil

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	A POLÍTICA DE MAQUIAVEL.....	14
3	O QUE É A POLÍTICA?.....	15
4	PARTICIPAÇÃO POLÍTICA, SEGUNDO MAQUIAVEL	19
5	QUANDO O CIDADÃO NÃO PARTICIPA DE DECISÕES POLÍTICAS..	24
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
	REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS.....	32
	ANEXO 1 – GRÁFICO 1 – O QUE É POLÍTICA	33
	ANEXO 2 - GRÁFICO 2 – PARTICIPAÇÃO POLITICA	34

1 INTRODUÇÃO

A política em especial têm figurado os noticiários brasileiros em torno de mobilizar a conscientização, quanto a escolha de representantes do povo. O que se vê normalmente em anos eleitorais é o estímulo a participação dos cidadãos por meio do voto. O que, em outras palavras, significa dar poder ao representante do povo. Este trabalho pretende tratar da participação dos cidadãos nas decisões políticas, tanto no seu bairro, quanto em sua casa, sua cidade, seu estado e seu país.

O tema participação política, neste ano de 2018, está em foco, visto que haverá eleições para escolha de deputados, governadores, senadores e presidente, e por isso incentivar a participação não somente por intermédio do voto, mas também acompanhar constantemente as ações políticas e conhecer bem seus representantes, para que estes não sejam corrompidos pelo poder e comecem a agir contrário aos cidadãos que os apoiaram.

Vale ressaltar que quando um político assume o cargo, ele deve servir ao povo, porém o que se vê é um completo imoralismo político, roubos aos cofres públicos e corrupção, por políticos que fazem o interesse particular sobressair-se sobre o coletivo.

Esse imoralismo, a mentira, a enganação e a corrupção virou notícia nos jornais e tv. O que contribui para que os cidadãos proclamem em alto e bom tom que odeiam política e que não querem nem saber sobre. De fato, a corrupção e todos os males contra o povo só existe porque não há uma participação efetiva nas decisões políticas.

A escolha do tema para a monografia está relacionada a essa falta de perspectiva da população em relação aos seus representantes, eles alegam que todo político rouba, quando nos referimos ao público jovem a situação não é diferente. Visto que se criou a imagem de tirar vantagem de tudo sem falar que entre os jovens é unanime a ideia de que ele odeiam política.

Odeiam porque de fato não conhecem o verdadeiro sentido da política e simplesmente por não conhecer, não participam. O objetivo deste trabalho é despertar a participação política, usando conceitos de Maquiavel, para que os jovens não sejam enganados por palavras bonitas, gestos de amizades ou favores, por políticos desonestos que apenas desejam manter-se no poder, mas que sejam conscientes de que é um elemento fundamental para a sociedade política organizada. E, somente conhecendo como agem os representantes do povo e os meios que usam para permanecer no poder é que, pode mudar conceitos.

Este trabalho está dividido em quatro capítulos, no primeiro capítulo será apresentada uma fundamentação sobre a política em Maquiavel, após a concepção política em Maquiavel, o segundo capítulo abordará o que é a política, no sentido de evidenciar como ela foi idealizada e como de fato passou a ser entendida. No terceiro capítulo será abordado A participação política, segundo a visão de Maquiavel serão elencados dados que demonstrem que participar das decisões políticas melhora o bem coletivo. Já no terceiro capítulo serão citados exemplos da política brasileira, mostrando o que ocorre quando o cidadão não participa de decisões políticas. Ao final do trabalho, as considerações finais seguidas das referências bibliográficas.

2 A POLÍTICA DE MAQUIAVEL

Nicolau Maquiavel (Niccolló Di Bernardo Machiavelli, em italiano) nasceu em Florença, Itália, no dia 3 de maio de 1469 e morreu também em Florença, aos 58 anos, no dia 21 de junho de 1527. Maquiavel estava inserido no contexto do Renascimento italiano e viveu durante o governo de Lourenço de Médici.

Seus pais, Bernardo Maquiavel e Bartolomea Nelli, eram de origem Toscana. Seu pai era jurista e tesoureiro de uma província italiana e sua mãe próxima a uma família nobre de Florença, escrevia poemas religiosos.

Maquiavel era o terceiro dos quatro filhos, foi encaminhado aos estudos desde os sete anos. Estudou o latim, ábaco e fundamentos da língua grega antiga. Os conceitos da Antiguidade Clássica influenciaram o seu pensamento, principalmente o conceito de virtù e fortuna. Maquiavel tornou-se um importante historiador, diplomata, músico, filósofo e político italiano.

Aos 29 anos de idade, ele entrou para a política com o cargo de Secretário da Segunda Chancelaria (um dos órgãos auxiliares da Senhoria, encarregado das guerras e política interna). Sua produção intelectual esteve voltada, para questões de ordem prática, conforme suas observações do comportamento dos grandes nomes da época.

As questões políticas, de Maquiavel foram embasadas ao longo de sua experiência, após perder o cargo, em 1512, pelo fato de seu nome aparecer em uma lista de conspiradores. No ano seguinte foi preso e torturado por conspirar contra a eliminação do cardeal Giovanni de Médici. Posteriormente foi exilado, período no qual se dedicou a escrever suas principais obras. Após esse período o papa Leão X concedeu-lhe anistia e ele retornou a Florença.

Maquiavel escreveu poesias, do que resultou seu primeiro trabalho literário, Discurso Sobre a Primeira Década de Tito Lívio, com 550 versos, publicado em 1506, que retrará a examinar uma série de questões relativas ao governo republicano.

Atribui-se a Maquiavel, pejorativamente o título de maquiavélico, pessoa sem escrúpulos, velhaca e ardilosa. Enfim, tudo aquilo que é imoral. Essa negatividade, é fruto de uma leitura apressada, de sua obra O Príncipe, que atribui a ele o imoralismo político.

O Príncipe, foi dedicado a Lourenço de Médici, nessa obra Maquiavel sugeriu que para um soberano conquistar, reinar e, para manter-se no poder, precisa lançar mão de certos artifícios, mesmo que, para isso precise agir sem ética.

De uma maneira geral, a obra de Maquiavel foi retratada como uma filosofia política completamente despida de valoração moral. Mas é totalmente o contrário, ela trata-se de uma denúncia, aos diferentes mecanismos de poder, num estado principesco.

Enfim, um visionário que via a política prática e não um ideal de sociedade a ser alcançado mas, as circunstâncias históricas que determinam os limites possíveis conforme o momento.

3 O QUE É A POLÍTICA?

A negação em falar sobre a política, de envolver-se em assuntos políticos, é quase unânime por grande parte da população. Muitos não sabem o real significado da verdadeira política, pois a política vista como corrupção, falta de seriedade, tramoia e outras formas repugnantes e desonestas. Diante da falta um conhecimento maior sobre a política, faz-se necessário trabalhar o conceito de política.

No dicionário encontramos a seguinte definição para o conceito de política, que significa “ciência do governo dos povos; arte de dirigir as relações entre os Estados; diplomacia; astúcia; maneira hábil de agir” (BUENO, 2000, p. 607).

Na versão grega, a política era entendida como uma realização para o bem comum. esse bem comum somente era proporcionando ao homem em comunidade. A ideia da política, termo antigo, vem do grego *políteia*, que deriva de *polís*, cidade-Estado, que tem uma relação com a administração das cidades. Da mesma forma que as cidades surgiram para facilitar a vida, a política veio, com o objetivo de organizar a vida na cidade. Segundo Aristóteles, as cidades eram o local em que se encontra a natureza humana uma organização adequada:

A cidade, enfim, é uma comunidade completa, formada a partir de várias ladeias e que, por assim dizer, atinge o máximo da autossuficiência. Formada a princípio para preservar a vida, a cidade subsiste para assegurar a vida boa. (...) uma cidade é uma daquelas coisas que existem por natureza e eu o homem é, por natureza, um ser vivo político. Aquele que, por natureza e não por acaso, não tiver (...)a cidade, será um ser decaído ou sobre-humano, tal como o homem condenado por Homero como “sem família, nem lei, nem lar”. (ARISTÓTELES, 1991. p.53-54)

Por natureza, o homem deve se organizar-se em sociedade, para viver melhor e também buscar o bem comum a todos. Esse bem comum visa leis, regras e normais iguais para todos os integrantes do grupo, uma decisão política igual a todos independente da cor, raça ou condição social.

Assim, todas as decisões políticas afetam a toda a coletividade de um modo geral, para o bem ou para o mal, por isso precisam ser decididas em conjunto. Esse bem coletivo, como afirmou Maquiavel, não seria uma política ideal, mais uma política prática vivenciada no dia a dia.

Na nova ordem contemporânea, o conceito de política passou a ser visto como uma relação de poder e o bem comum, uma questão ética. E, pensando em organizar a sociedade e ao mesmo tempo promover o bem social a todos os cidadãos, com leis de forma justa, que Maquiavel escreve nos Comentários sobre a primeira década de Tito Lívio sobre essa participação política do povo na defesa dos interesses coletivos.

não é o interesse particular que faz a grandeza dos Estados, mas o interesse coletivo. É evidente que o interesse comum só é respeitado nas repúblicas: tudo o que pode trazer vantagem geral é nelas conseguido sem obstáculos. Se em certa medida prejudica um ou outro indivíduo, são tantos os que ela favorece, que se chega sempre a fazê-la prevalecer, a despeito das resistências, devido ao pequeno número de pessoas prejudicadas (MAQUIA VEL, 1994, p.198)

Daí, a ideia de um governante virtuoso, não no sentido cristão de alguém dotado de bondade e justiça, o homem de *virtù*, segundo Maquiavel aquele que não se deixa governar pela sorte, e sim usando a sua capacidade perceptiva de entender o jogo político de forças a sua volta, para poder agir, com energia e manter-se no poder e, não para o bem apenas de alguns. Segundo Maquiavel, a sorte de um governo existe, mas a oportunidade é que faz o governos virtuosos, visto que “sem a tal oportunidade, as grandes virtudes de seus espíritos teriam sido desperdiçadas, (...), como Moisés encontrou o povo de Israel no Egito, (...) para que esse povo resolvesse escapar do cativeiro, seguindo”. (MAQUIA VEL, 2008, p78)

As oportunidades aproveitadas pelos governantes, podem vir acompanhadas de atitudes imorais, para a grandeza de seus Estados. Resumindo, o governante não precisa se preocupar com a censura, segundo Maquiavel “ele deve aprender a não ser sempre bom, mas sê-lo ou não de acordo com a necessidade, (...) e suficientemente prudente para saber evitar as más tendências” (MAQUIA VEL, 2008, p. 155-156). Muitas vezes, as atitudes imorais dos governantes como a infidelidade, a covardia, a desonestidade são ressaltadas de modo a permitir que não a visualização de atitudes necessárias naquele momento.

Esse trabalho, de não mostrar o real é feito pelas mídias, rádio, tv e internet, que só evidenciam aquilo que lhes convêm, como roubo, extorsão, fraudes, desmandos e injustiças, ou seja, só retrata as atitudes imorais do governante, assim como era o governo dos reis absolutistas, quando “os príncipes vieram a reinar pelo direito de sucessão, e não pela escolha

do povo, em breve os herdeiros degeneraram; desprezando a virtude, persuadiam-se de eu nada mais tinha a fazer além de exceder seus semelhantes em luxo, ócio e todos os tipos de volúpia” (Discurso, p.24)

É, essa imoralidade que os jovens veem hoje nas mídias, e passam a se sentirem enganados a ponto de afirmarem que odeiam política. Grande parte da culpa por esse erro de pensamento é dos meios de comunicação que deturpam a realidade como lhes convêm e a outra, pelas pessoas que se negam a pensar e agir e abdicam de suas funções. E por isso, distorcem a realidade sobre o verdadeiro sentido da política, mais precisamente sobre, o que é política. Afirmar que política não tem nada a ver com eles ou que, os políticos são todos corruptos e que são os verdadeiros enganadores do povo.

Uma posição alheia a política e de relutância em querer conhecer sobre a política, torna mais difícil a mudança de pensamento dos jovens, e, segundo Alexi de Tocqueville: “É difícil tirar um [indivíduo] de si mesmo para interessa-lo pelo destino de todo o Estado, porque ele compreende mal a influência que o destino do Estado pode ter sobre sua sorte” (SAVIAN, 2016, p.246)

Além do desinteresse dos jovens em conhecer sobre o verdadeiro sentido da política, os governantes também não incentivam esse conhecimento, para não terem seu poder ameaçado. Assim, os jovens segundo Bertold Brechet, “Ele não ouve, não fala, nem participa de eventos políticos. Ele não sabe que o custo da vida, o preço do feijão, do peixe e da farinha, do aluguel, dos sapatos e da medicina, tudo depende de decisões políticas”. São totalmente alienados à assuntos políticos.

Essa total falta de interesse, pode ser constatada em uma pesquisa realizada com alunos do primeiro ano do ensino médio, do Colégio Estadual Dr. Romário Martins – E. M., da disciplina de filosofia, com a questão “O que é política”. A resposta retrata a triste realidade dos jovens quanto ao conhecimento sobre o que vem a ser a política.

Muitas respostas equivocadas que apenas reproduzem o que ouvem, cerca de 69% (sessenta e nove por cento) dos jovens responderam que política é corrupção, roubo e mentiras. E, em nenhuma das respostas destacaram que a política está na vida de cada um quando estes fazem escolhas ou toma alguma decisão.

O poder de decisão é um ato político, e, cada vez que tomamos uma decisão ou se impõe vontades a outros, é exercício de um ato político. A falta dessa informação leva os jovens fazerem confusão sobre o que realmente vem a ser a política na vida deles, não somente a falta de informação, mais a tv como instrumento midiático atesta que o exercício da

cidadania é o “voto”, pouco se fala sobre as diferentes formas de exercício da atividade política.

Para mudar esse quadro, somente pela educação, uma educação transformadora, que estimule o exercício da cidadania, pois somente com o conhecimento verdadeiro e informações corretas, as mudanças de pensamento ocorrem.

Assim, seguindo a pesquisa, apenas 16% (dezesseis por cento) dos entrevistados consideram que a política faz parte da vida, que é uma forma de saber como as coisas funcionam, enfim uma forma de participar das decisões políticas do seu município, estado ou país. Já os 15% (quinze por cento) reconhece que política é algo que não tem valor e que é um meio fácil de ganhar dinheiro sem formação acadêmica. Dessa análise pode-se perceber o grau de informação desconhecida e a falta de ética na política, que faz com que os jovens não se interessem. Dessa falta de ética Maquiavel, no livro *O Príncipe* destacou que: “a maneira como os homens vivem ser tão diferente daquela como deveriam viver” (MAQUIAVEL, 2008, p. 154). Na prática os governantes mostram totalmente contrários ao que deveriam ser.

E, muitas vezes as ações políticas, ou pode-se dizer, dos representantes eleitos pelo povo não condiz com a palavra empenhada, durante a campanha, “iludiram a boa fé do povo” (MAQUIAVEL, 2008, p.172). Daí decorre mais uma vez da falta de credibilidade e fica a famosa frase “políticos somente prometem e não cumprem”. Em algumas vezes é compreensível que algumas decisões políticas não atendam aos interesses do povo de imediato, visto que o eleito tenha que tomar decisões contrárias as aspirações do povo e essas decisões leva a descrença a revolta aos políticos.

Porém, alguns representantes do povo usam de má, no sentido de não cumprir mesmo as promessas. Maquiavel, escreveu sobre esses políticos que prometem e não cumpre afirmou que: “os governantes que conseguiram maiores feitos foram aqueles que deram pouca importância à palavra empenhada e, recorrendo à astúcia, iludiram a boa fé do povo; enfim, falharam com aqueles que lhes eram leais e neles confiavam” (MAQUIAVEL, 2008, p.172).

O êxito que Maquiavel descreve, quando os governantes tiveram sucesso em suas ações, ao não cumprirem a palavra, usaram de artifícios e fraudes, não é o caso dos governantes que os jovens têm referência, pois veem nessa atitude que todos os representantes políticos são enganadores, traiçoeiros e que não cumprem a palavra empenhada em campanha. Isso, revela uma falta de ética e compromisso moral, tudo que compreende sobre a política são as ações políticas como corrupção, desvio de dinheiro, impunidade e a miséria do povo, fome e desemprego e promessas de campanha não cumpridas.

A corrupção e todos os males contra o povo só existe porque não há uma participação efetiva nas decisões políticas e uma total falta de conhecimento sobre o que realmente vem a ser a política na vida de cada um.

A política é muito presente na vida das pessoas, pois mesmo quando decidem não participar ativamente ou não votar, se está tomando uma decisão política, e está permitindo que as coisas continuem do jeito que está e por isso, não precisa de mudança. Muito pelo contrário a mudança de pensamento somente ocorre quando há uma participação ativa nas decisões políticas.

4 PARTICIPAÇÃO POLÍTICA, SEGUNDO MAQUIAVEL

A participação política é fundamental em uma sociedade democrática e, tem uma relação com a educação, educação essa voltada para aprender a argumentar, defender-se, saber ouvir e fazer-se ouvido, debater com diferentes opiniões enfim, pensar enquanto cidadão ativo.

E, para participar de decisões políticas em uma sociedade democrática, não é algo que deva ser imposto, mas sim algo que é construído com a prática do dia a dia, para que o ideal de participação política almejado seja alcançado com êxito é preciso formação política, que acontece nas aulas de filosofia, literatura, história, geografia, sociologia e outras. É preciso criar condições, para que se possa perceber que a participação política não ocorre somente pelo processo eleitoral, para escolha de representantes, também envolve a participação em movimentos de bairros, assembleias, partidos políticos, grêmios estudantis, sindicatos, sempre visando o bem coletivo, pois só há democracia quando há liberdade e o respeito a vontade da maioria.

E, segundo Maquiavel, se os homens individualmente, são bons, tornar-se-ão melhores quando unidos. E, participar de assuntos políticos é manter-se unidos, pois somente quando há uma participação de todos de forma unida alcança-se os melhores resultados. Segundo Maquiavel:

A república, retendo os cônsules e o senado, representou a princípio a mistura de duas das três formas mencionadas: a monarquia e a aristocracia. Só faltava introduzir o governo popular. A nobreza romana, pelos motivos que vamos explicar, tornou-se insolente, despertando o ressentimento do povo: para não perder tudo, teve que ceder-lhe uma parte da autoridade. De seu lado, tanto o senado como os cônsules guardaram bastante autoridade para manter a posição que ocupavam no Estado. Estas foram as causas que originaram os tribunos do povo. (...) A sorte favoreceu Roma de tal modo que, embora tenha passado da monarquia à

aristocracia e ao governo popular, (...) o equilíbrio dos três poderes fez assim com que nascesse uma república perfeita. (MAQUIA VEL, 1994, p. 26-27)

Na política moderna, a unidade deveria ser o objetivo de todos, pois assim como Roma tornou-se uma república perfeita, é possível em qualquer Estado. Desde que não haja omissão. Pois, quando há omissão em participar das decisões políticas, permite que o poder fique nas mãos de uma minoria descompromissada com a ética e, que governa exclusivamente para si. Essa atitude, favorece os maus e as maldades se refletem em corrupção, desvios de dinheiro, desmandos e diversas formas de favorecimento pessoal. Uma sociedade desmotivada e omissa frente às decisões políticas se prejudica a si mesmo e se torna culpada pela corrupção existente. Segundo Platão, a omissão leva a políticos corruptos.

(...) debes considerar que nenhum de nós nasceu para si mesmo; a pátria reclama uma boa porção de nossa vida; outra os parentes; outra, ainda, os amigos (...) Quando a pátria manda que nos ocupemos com seus assuntos, não ficaria feio fazermos-nos desentendidos? Desse modo, só facilitaríamos o acesso de gente desqualificada, que não se aproxima dos negócios públicos com boas intenções (PLATÃO, Carta IX - 358a)

Como incentivar a participação, se as pessoas encontram-se desmotivadas? Incentivar de forma que leve a conscientização da realidade que as cerca, sob todos os aspectos, como por exemplo no social, político, econômico e cultural. Essa conscientização precisa partir da base escolar, para que os sujeitos desenvolvam uma consciência crítica de todas as decisões políticas, dessa forma compreendendo o exercício da prática cidadã, percebam também participar ou se omitir, é decisão política. E pensando no bem comum é necessário que todos participem ativamente, porque organizados se tornam mais fortes.

O incentivo a participação da boa política, pode vir também de grandes exemplos, assim como escreveu Maquiavel: “um homem sábio deve sempre seguir o exemplo dos grandes homens e se esforçar para imitar apenas os mais eminentes; de tal forma que, se seus méritos não se igualarem aos deles, ainda assim, de alguma maneira poderão espelhar sua grandeza”. (MAQUIA VEL, 2008, p.76)

E, bons exemplos de participação política, na história da humanidade não faltam, vários pensadores e ativistas políticos que entenderam que a política deve estar a serviço do bem comum, como por exemplo, Martin Luther King, Nelson Mandela, Karl Marx e Mahatma Gandhi, pessoas que deixaram de lado o egoísmo e incentivaram a sua maneira a participação política em benefício de todos, lutando por uma sociedade mais justa. Gandhi liderou a resistência pacífica dos indianos a desobediência civil, para não comprar produtos

indianos, desobedecer leis que os discriminavam e excluía. Mandela e Martin Luther King incentivava luta contra a opressão de regimes segregacionistas, na África do Sul e nos Estados Unidos. Já Karl Marx, atestava que todos que aspirassem a dominação deveria começar pelo poder político, com o intuito de proporcionar o interesse geral.

No Brasil, o poder de decisão política é dada ao povo, graças a um sistema político democrático, onde há liberdade de falar de expressar-se, um direito garantido na Constituição de 1988, “artigo 1º, Parágrafo único. Todo o poder emana do povo, que o exerce por meio de representantes eleitos ou diretamente, nos termos desta Constituição”.(BRASIL, 1998, p. 3)

E, essa liberdade de participar plenamente da política compreende a capacidade, de organizar-se, julgar, discordar, denunciar, julgamento justo e igualdade, que faz a grandeza de uma nação, como descreveu Maquiavel onde as cidades que possuem maior liberdade terão maiores êxitos. Quando o povo participa é possível vivenciar e vislumbrar algo melhor.

A ideia no Brasil, é a de que a participação política ocorre somente através do processo eleitoral, pelo contrário a eleição é parte do processo participativo, mais que após o processo eleitoral os representantes eleitos devem ser acompanhados constantemente. Ou seja, conhecer para poder opinar, exigir e agir em conjunto para não serem enganados.

Para não serem enganados e fazer valerem seus direitos de cidadãos, cabe a ele como agente ético fiscalizador exercer o poder que emana do povo. No livro, Discurso da década de Tito Lívio, Maquiavel ressaltou a grandeza da república quando o povo de fato participava das decisões políticas que envolviam o bem coletivo.

onde nasce o amor à liberdade dos povos; a experiência mostra que as cidades cresceram em poder e em riqueza enquanto são livres. É maravilhoso, por exemplo, como cresceu a grandeza de Atenas durante os cem anos que se sucederam a ditadura de Pisístrato. Contudo, mais admirável ainda é a grandeza alcançada pela república romana depois que foi libertada dos seus reis. Compreende-se a razão disto: não é o interesse particular que faz a grandeza dos Estados, mas o interesse coletivo. E é evidente que o interesse comum só é respeitado nas repúblicas: tudo o que pode trazer vantagem geral é nelas conseguido sem obstáculos”. (MAQUIA VEL, 1994, p. 197-198)

É no bem coletivo, que se deve pensar a participação política, pois quando há participação as consequências benéficas para o bem comum, que na política atual, pode representar melhorias na saúde, educação, transporte e habitação. Pensando no bem coletivo que o poder é dado ao povo e não a uma minoria opressora. Segundo Maquiavel: “quem quer que se torne príncipe pelas graças do povo, precisa se empenhar pra preservar sua boa vontade, o que será fácil para ele, pois a população só lhe pedirá que não os oprima”. (MAQUIA VEL, 2008, p.113)

Esse não oprimir, na atual realidade brasileira, é não sufocar a população com elevados impostos e encargos, salários baixos, leis injustas e condições precárias de subsistência. Para não ser sucumbido, o cidadão precisa ter a consciência de que sua omissão e total submissão não muda a realidade em que vive, pois continuará a ser oprimido pelo sistema político que promove a desigualdade.

O excesso de confiança, em um representante político, da elite, é sempre perigoso, visto que o interesse da elite são sempre contrários ao povo. Ávidos pelo poder, ou de permanecer nele usam de autoridade de formas sórdida e canalha. Compreende-se assim, que os políticos para se manterem no poder fazem alianças, oferecem cargos, iludem a boa fé do povo, que não participa, articula jogadas e armações políticas sempre pensando em si próprio. Se a população não for consciente dessas ações nefastas, tem uma parcela grande de culpa por serem sempre enganados e explorados.

O oprimido precisa acordar do “sonho” de mudança de vida e de condição social e começar agir, participando da política e todas as suas decisões. Não ficar esperando a mudança, simplesmente pelo voto e continuar acreditando em conto de fadas, a realidade é cruel e nem sempre o representante escolhido pensa no bem coletivo. Conforme Maquiavel, na obra O Príncipe, escreveu que nem sempre a mudança de representante é o que se espera:

os homens mudam alegremente de regentes, ao acreditar que se beneficiarão com a mudança e é essa crença que os faz empunhar armas contra o príncipe reinante. Todavia se iludem, pois descobrem posteriormente, através de sua própria experiência, que suas condições só pioraram. (MAQUIA VEL, 2008, p.50)

Uma prática totalmente equivocada, confiar cegamente em políticos descompromissados, com os ideais do povo, é a mesma coisa que pedir para a raposa tomar conta do galinheiro. Uma hora o golpe é fatal, e o mais fraco sempre sofrerá as consequências desastrosas de uma má administração. Para evitar o golpe, o ideal é participar das decisões políticas da sociedade, sendo um agente fiscalizador do patrimônio público, com essa ação evita-se os desmandos políticos, os desvios de dinheiro, acordos ilegais e acerto de contas em detrimento do povo.

A participação efetiva em decisões políticas ainda é uma realidade distante entre os jovens, que pode ser evidenciado tendo por base uma enquete com alunos do 1º (primeiro) ano do ensino médio do realizada no Colégio Estadual Dr. Romário Martins. Analisando-se as respostas constatou-se o que 32% (trinta e dois por cento) dos alunos entrevistados, consideram que participação ativa ocorre somente pelo voto. Outros 21% (vinte e um por

cento), afirmaram não ter interesse em participar de nada que se refere a política. Triste realidade, que muito tem a ver com decisões políticas, especialmente a política educacional, pois se a política educacional for voltada para a conscientização consegue-se vencer a descrença e a desmotivação para o exercício da cidadania consciente.

O fato de não participar das atividades políticas leva a opressão, e em alguns casos a população revoltou-se para exigir seus direitos, fato que só ocorre quando os oprimidos estão no limite do suportável. Daí as diferentes revoltas populares frente a opressão e a tirania.

No Brasil, citamos como exemplo, a Revolta da Chibata, que surgiu contra os castigos corporais injustos da elite da Marinha aos marinheiros, a pena era chibatada a todos os tipos de infrações. Liderados por João Cândido, conhecido como almirante negro, que incentivou a participação dos marinheiros a lutar por melhores condições de vida e trabalho, essa revolta culminou com o fim de todos os castigos corporais (chibata), cometido pela elite branca da marinha. Isso somente foi possível porque houve a participação de todos e, não ficaram calados diante de tamanha injustiça, pois do contrário não teriam logrado o êxito.

Assim, percebe-se que a participação política, a massa só se revoltou quando sentiu-se oprimida, diante dos castigos corporais, agiram em prol de seus interesses. Imagina-se que ideal da participação política é prática diária e não somente quando há interesse, pois os interesses podem favorecer ou prejudicar o bem coletivo. De certa forma, quando há efetiva participação popular na política o governo cuidará para que todos sejam beneficiados. O que podemos entender isso segundo Maquiavel que “os Estados bem governados e os príncipes prudentes sempre cuidaram para não levar o desespero aos grandes e para agradar e contentar o povo, esta que é uma das mais importantes tarefas que incumbem a um soberano.” [Ver pagina](#))

Aos poucos, essa realidade apolítica entre os jovens está mudando, um exemplo de envolvimento e consciência política foi das ocupações das escolas nos estados de São Paulo, movimento que partiu dos próprios estudantes, que sentiram-se prejudicados com as medidas. Segundo Savian Filho, o motivo das ocupações em São Paulo foi resultado da proposta da Secretaria de Estado da Educação de reorganizar as escolas em ciclos (anos iniciais e finais do Ensino Fundamental e Médio) como forma de aumentar o rendimento escolar e resolver problemas como os custos com algumas salas que tinham poucos alunos. A reorganização levaria a fechar algumas escolas e concentrar os estudantes em outras.

A medida adotada pelos jovens logrou êxito, pois forçou o governo a negociar, a ponto deste suspender a reorganização e abrir-se para o diálogo em conjunto com a

população. O exercício político, se mostrou por meio da ocupação e do diálogo, foi uma forma de mostrar aos representantes os desejos da população geral.

O fato do governo do Estado de São Paulo ter recuado de sua decisão, mostra o tamanho e o poder que o povo possui, quando se organiza e faz valer a sua vontade. Segundo Maquiavel “nada é mais fraco ou instável do que a reputação de um poder que não seja fundamentado sobre suas próprias forças, isto é, dos seus próprios súditos e cidadãos” (MAQUIAVEL, 2008, p. 145). Neste episódio do Estado de São Paulo, ficou evidente que o governo não quer ficar contrário aos que o elegeram, uma participação política ativa dos paulistanos, que enfrentaram os problemas de frente, pensando no bem coletivo. E, por isso retrocedeu nas medidas contrárias a educação, isso somente foi possível porque não houve comodismo e sim participação e luta, em prol do bem coletivo.

Aos poucos, vemos um despertar da população, que busca informar-se sobre os rumos políticos participando ativamente. E, esse despertar tem partido dos jovens, o que reforça a tese que o caminho para a consciência política é a educação. Como afirmou Nelson Mandela “a educação é a arma mais poderosa que você pode usar para mudar o mundo”, enfim a educação tem um caráter transformador e revolucionário, visto que agem como elemento conscientizar para o exercício da cidadania de forma justa e igual a todos.

5 QUANDO O CIDADÃO NÃO PARTICIPA DE DECISÕES POLÍTICAS

O interesse bem como também o desinteresse em participar das decisões políticas na sociedade brasileira, é grande e histórica. Visto que a sociedade brasileira no seu processo de formação política deu pouco espaço para que todos tivessem acesso ao poder.

Essa falta de espaço a participação política, levou a constituição de um governo de poucos, por exemplo: a família real Bragança e Bourbon, família Andrada, os barões do café, nos primeiros anos da República e outros. Essa ideia de governo, famílias poderosas e tradicionais, se assemelha a vivência política da época de Maquiavel.

Época em que Maquiavel presenciou a luta pelo poder, em Florença, que vivia sob a influência da Família Médici, em que o poder era repassado a gerações futuras, uma prática comum que impedia a participação de outras pessoas na política.

Segundo Maquiavel, na obra O Príncipe:

os Estados hereditários, habituados com a linhagem de seus príncipes, (...) é suficiente, apenas que o príncipe não transcenda a ordem das coisas estabelecidas por seus predecessores e que se adapte aos eventos conforme eles aconteçam. De tal forma que, se esse príncipe não tiver nada além do que uma sagacidade comum, sempre conseguirá manter se Estado, a não ser que alguma força superior e extraordinária o destitua. (MAQUIAVEL, 2008, p.46)

Uma política voltada a um grupo de famílias, que se unem para permanecer no poder, segundo Maquiavel essas famílias seguem a ordem estabelecida de seus antecessores, o mesmo ocorreu e ainda ocorre na política brasileira, pois o político possui as mesmas características de hereditariedade para permanecer no poder, como por exemplo as famílias tradicionais da política brasileira Família Barros, Família Neves, Família Magalhães, Família Sarney e tantos outros. Essa prática dificulta o acesso a participação prática e efetiva de outros grupos, pois essas famílias governam por interesses próprios, que os interesses coletivos passa longe.

E, não participar ativamente da política, nacional, local ou regional é extremamente perigosos para um regime democrático, em especial, no caso do Brasil, onde o regime democrático representativo é falho, pois historicamente no processo eleitoral, para se conservar no poder, os políticos oriundos de famílias tradicionais usavam de fraude, violência, roubo de urnas, falsificação de resultados e perseguições, período esse considerado República de dominação.

Que por sinal a dominação política de grupos ocorre até hoje, porém com outras formas de dominação, como por exemplo, a compra de votos durante o período eleitoral, promessa de emprego, consulta médica, combustível e outros. Tal prática, leva o cidadão a crer que sua participação não é necessária e tão pouco a voz do povo será ouvida. Já outros, não participam por ignorância e desconhecer seus deveres de cidadão. Dentre os deveres citados na Constituição Federal, além de poder votar e ser votado para seus representantes está o de lutar para que o que é justo e correto sejam colocado em prática.

Votar é de fato um exercício muito importante para a construção da cidadania, porém uma prática que não estimula os jovens a participar ativamente de outros meios da política, não é a política em si, mas os maus exemplos que desestimula, como por exemplo, a troca de votos por dinheiro, com o objetivo de lucro futuro.

E, no Brasil para evitar a participação e manter o exercício do poder, usaram a força e as leis. Primeiro foram os índios explorados a trabalhar para a coroa portuguesa, em troca de objetos de pouco valor e impedidos de exercer seu poder e voz, logo após vieram os negros, esses totalmente relegados a escravidão, em favor de uma minoria, famílias ricas. E aos

poucos por medida da lei foram excluindo todos esses e também os pobres e analfabetos, restando assim poucos para governar para uma maioria.

A educação, que acredita ser o elemento crucial para o desenvolvimento de uma sociedade relegou sob forma de lei que apenas as famílias tradicionais teriam acesso a educação escolar, e excluía os demais, no caso os pobres e negros. Segundo o Decreto Lei nº 1331, de 1854, estabelecia que o acesso as escolas públicas para escravos negros somente seria possível se houvesse disponibilidade de professor, em horário noturno. Infelizmente nunca tinha vaga e professor disponível. Isso só ressalta a ideia de que uma sociedade ignorante e apolítica é mais fácil dominá-la. E, assim os governantes, para manter-se no poder, compram o voto por dinheiro e a população por desconhecer o processo vende-se em troca de migalhas. O que leva a crer que para participar e exercer funções políticas precisa ter recursos financeiros e ser letrado, fato que leva a generalização apressada que todo o político é egoísta e corrupto, e não pensam no bem comum, visto que a lei sempre os protege.

De fato a corrupção é um dos piores males da sociedade moderna e ela é estimulada pela falta de participação. Se existe corrupto é porque encontra corruptores, que veem nessa prática a oportunidade de participar do governo e obter lucro das instituições públicas.

No livro, O Príncipe, Maquiavel escreveu a Lourenço de Medici relatou sobre tal prática desonesta.

aqueles que almejam obter favores dos príncipes, geralmente se empenham em fazer isso, oferecendo-lhes as coisas que eles mesmo mais prezam, ou as que percebem lhes serem mais prazerosas. Assim, na maioria das vezes os príncipes são presenteados com cavalos, armas, tecidos de ouro, pedras preciosas e ornamentos similares” (MAQUIAVEL, 2008, p.40)

Nada diferente de Maquiavel a realidade brasileira, visto que essa troca ocorre entre a elite representada por industriais e grandes empresários e os políticos representantes do povo, dentre esses representantes destaca-se aqui os maiores representantes como presidentes, governadores, deputados estaduais e federais, senadores e prefeitos, não que os demais não pratiquem tais atos, mais que não convêm nominá-los. Dentre essa troca, pode-se citar um exemplo prático atual, que são os acordos da maior construtora do país a Odebrechet, que atua em setores importantes como energia, biocombustível, seguros e petroquímicos, essa empresa pagou milhões em propinas em campanhas políticas, para que a empresa conquistasse contratos milionários com a Petrobrás, empresa brasileira que atua no setor de exploração e produção de petróleo.

Uma prática comum de corrupção, na política brasileira, que leva a descrença total em assuntos políticos, uma população totalmente alheia a seus interesses. Políticos desonestos que se criam pela falta de participação, que buscam apoios de outros grupos para manterem-se no poder, a custa de empobrecimento da grande maioria da população.

É comum em período eleitoral, ver em rede nacional candidatos que representam uma determinada classe, por exemplo, representantes dos bancários, das indústrias, comerciantes, agricultura, mas que é raro ver esses mesmos levantando a bandeira em prol do bem coletivo, esses usam a boa fé do povo e a falta de conhecimento.

Assim, uma vez eleitos com os votos do povo, os desprezam e muito menos querem vê-los cobrando de seus representantes, ou seja que sua voz seja ouvida e não sufocada. Falta participação e informação para compreender os reais desejos dos representantes. Falta entendimento para compreender falas como do atual presidente da Câmara dos deputados, Rodrigo Maia (DEM-RJ), ao afirmar que o “Aqueles que queiram participar do processo legislativo, (...) lembro que 2018 haverá eleições, e eu convido a participar e a estar aqui conosco discutindo e aprovando as matérias. Nós não podemos aceitar a Câmara dos Deputados se transforme em cartório carimbador de opiniões de parte da sociedade”. Falas como essa, só evidenciam que o povo somente pode participar por meio do processo eleitoral e depois não precisa mais opinar e muito menos questionar, políticos como este usam o povo apenas para manter-se no poder e depois os abandonam a própria sorte.

Segundo Maquiavel, a lealdade gera uma onda de políticos corruptos, desonestos, os manipuladores o povo.

é necessário que um príncipe saiba muito bem disfarçar sua índole e ser um grande hipócrita e dissimulador, pois os homens são tão simples e se submetem tanto as necessidades imediatas que os impostores nunca faltam os crédulos. Vou mencionar um dos exemplos mais recentes. Alexandre VI nunca fez nada, ou nada pensou, que não fosse para enganar e sempre encontrou uma razão para fazer isso. Ninguém teve tanta habilidade em assegurar, ou firmou seus compromissos com tantos juramentos e os cumpriu menos do que o Papa Alexandre e, entretanto, ele sempre foi bem-sucedido em suas fraudes, pois conhecia as fraquezas dos homens (MAQUIA VEL, 2008, p. 174).

Esses enganadores do povo, desestimula a participação e ao mesmo tempo que desarticula, desqualifica qualquer ato de manifestação popular contra os desmandos da elite política brasileira e da corrupção vigente, pelos representantes do povo. Pode-se dizer, que o povo foi enganado, o que decorre a ideia, em Maquiavel que “os fins justificam os meios”, o governante ou o que se pretende ser um deve se preocupar com o resultado de sua ação, em termo ético, não importa se no meio do caminho tiver que praticar atos injustos.

Na ância pelo poder, torna-se o fim último, como ocorreu na instauração do regime militar no Brasil. Ávidos para retomar o poder e evitar que as reformas sociais, políticas e econômicas fossem implantadas, usaram a boa fé do povo, povo este, que iludidos com a falsa ideia de ser para o bem de todos participaram das manifestações públicas contrárias as reformas sociais. Nesse caso, a participação política dos brasileiros não foi benéfica para o bem comum de todos, visto que todas as liberdades foram suprimidas e em seu lugar instaurou-se um regime de opressão e violência.

A lealdade que o povo brasileiro depositou em seus governantes, os levou a ditadura militar, que proibia todas as formas de oposição política e também participação, visto que, controlava a sociedade civil, reprimia os movimentos populares usava de violência e tortura e controlava os meios de comunicação e educação, no intuito de controlar a sociedade civil.

Assim, quando um determinado governante é aceito pelo voto, a ideia é que este governo possa protegê-los, para esse governo será “ fácil satisfazer o povo, cujos anseios são sempre mais honestos do que os das elites, estes querem oprimir e as massas não querendo ser oprimidas” (MAQUIAVEL, 2008, p.111-112). De uma certa, forma um pensamento muito atual, visto que o povo se contenta com meras promessas e confia plenamente no representante escolhido.

Onde não há participação popular existe a corrupção, leis injustas, governos ditatoriais. Segundo Maquiavel:

os que não conheciam as variações da fortuna, nunca tinham experimentado o mal e não queriam satisfazer-se com igualdade civil, mas tendiam à ganância, à ambição e à usurpação das mulheres, estes faziam que um governo de optimates se tornasse um governo de poucos, sem respeitar a civilidade [*civiltà*]; de tal modo que, em curto tempo, ocorreu-lhes o que havia ocorrido ao tirano. (MAQUIAVEL, 1994, p. 16)

O grande mal de não participar, é o de deixar-se ser enganado, manipulado, uma prática muito comum no cenário político brasileiro, destaque aqui o regime militar, onde precisamente as autoridades políticas, civis e religiosas organizaram uma passeata contra as reformas de bases do governo de Joao Goulart e a ameaça comunista, que por sinal essa ameaça nunca existiu, a passeata ficou conhecida como marcha da família com Deus pela liberdade, tal atitude contribuiu para instauração do regime militar no Brasil, que durou vinte anos, que pôs fim a liberdade.

As reformas de bases, agrárias, administrativa, bancária, tributária, eleitoral e educacional, propostas pelo governo de João Goulart, buscava se aproximar as camadas populares e de setores das camadas médias favoráveis às mudanças sociais. A medida

desagradou os grandes empresários brasileiros e norte-americanos, militares e organizações políticas, que uniram forças para que as reformas não fossem colocadas em prática. Assim, a elite brasileira, vendo seus interesses econômicos irem a ruína, com as reformas de base do governo, sentiu-se injustiçada e uniram forças com o capital internacional norte-americano, para destituir do cargo, o então presidente da República, João Goulart, essa elite seguia o princípio de Maquiavel, “faça, pois o príncipe tudo para alcançar e manter o poder; o meios de que se valer serão sempre julgados honrosos e louvados por todos, pois as pessoas comuns são sempre levadas pelas aparências e pelos resultados” (MAQUIAVEL, 2208, p.176)

E, os resultados políticos aos brasileiros foram desastrosos, pois derrubaram um governo democrático e instauraram um regime político ditatorial, conhecido como regime militar. Logo de início mostrou-se um governo nada democrático, os militares no poder passaram a perseguir e prender político, jornalistas, organizações e os estudantes, com o intuito de intimidar e calar a voz de qualquer cidadão que se manifestasse contrário ao regime de exceção.

Infelizmente, as pessoas foram e ainda são iludidas politicamente e segundo descreveu Maquiavel, que quando os habitantes estão dispersos não podem viver em segurança e são sucumbidos frente ao inimigo, o mesmo ocorre quando não se participa da decisões políticas, e deixa ser governado por políticos egoístas e corruptos, que pouco se interessam pelo bem coletivo, como destacou Martin Luther King, que o silêncio dos bons gera a opressão, a miséria, a corrupção, a bandidagem, a roubalheira e o desvio de recursos públicos e também a impunidade. Para mudar essa situação, somente a união e a participação ativa, que pode ser de ONGS, sindicatos, partidos políticos ou associações.

E, segundo Maquiavel, no livro discurso, a participação de todos deixa os homens mais fortes.

Muitos povos se reuniram em certas ilhotas situadas na ponta do mar Adriático, para fugirem da guerra que todos os dias nasciam na Itália em decorrência da invasão de novos bárbaros depois do declínio do império romano, começaram – sem que nenhum príncipe em particular ou ordenasse – a viver sob as leis que lhes pareciam mais aptas a mantê-los. Nisso tiveram êxito (...), mesmo tendo tido um princípio modesto [piccolo], conseguiram chegar à grandeza. (MAQUIAVEL, 1994, p. 8)

Não uma participação modesta e apenas manifestada nas urnas, uma participação efetiva para deixar claro que o representante eleito é do povo e não de um grupo, eleger e deixa-los as mazelas da corrupção não é suficiente, é necessário acompanhar a vida política destes e suas ações.

O mesmo como se fala tanto em futebol, precisa falar sobre assuntos políticos, ler, questionar, duvidar quando necessário, evitar a corrupção e ajuda no desenvolvimento social e econômico de todos. Omitir é dizer que está tudo bem, que continuem usando a boa fé do povo. Se de fato houvesse real participação política, os enganadores do povo não logravam êxito, pois deixar de participar da vida pública, de debater assuntos político nas conversas de amigos, de participar ativamente de reuniões de bairros ou de câmaras, é atestar contra si e assinar diploma de analfabeto político.

Segundo, Bertold Brechet:

analfabeto político é tão estúpido que é com orgulho que afirma odiar política. O imbecil não imagina que é da ignorância política que nascem as prostitutas, as crianças abandonadas, os piores ladrões de todos, os péssimos políticos, corruptos e lacaios de empresas nacionais e multinacionais. (BERTOLD BRECHET)

Para evitar esses acertos entre uma minoria e prejudicar a grande maioria é preciso acompanhar, estar e fazer-se sempre presente, pois “o povo mesmo quando vive mergulhado na ignorância, pode compreender a verdade, e a admite com facilidade quando alguém de sua confiança sabe indicá-la.” (MAQUIAVEL, 2008, p.32)

Como promover a participação? A única forma de incentivar a participação é o investimento em educação, uma educação transformadora, na qual traz em si um conjunto de ações que insere e possibilita a participação, dos jovens nas decisões políticas. Mudar o foco de que a participação popular só ocorre quando há eleições.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No cenário político brasileiro, o regime democrático garante por lei a participação de todos os cidadãos nas decisões políticas. O brasileiro tem o poder da informação em mãos, através de um aparelho celular, com acesso irrestrito a internet, mas que as informações pesquisadas não diz respeito a ação ou prática política, eles tem também a oportunidade de conhecimento no ambiente escolar, mais especificamente em sala de aula. Após análise da participação da política na vida prática é importantíssimo ressaltar o papel da escola, na formação de consciência política do cidadão. Nas escolas é que se pode alfabetizar politicamente, orientar para noções básicas de justiça e injustiças, direitos e deveres e da importância os jovens na sociedade política. Nesse contexto, a escola incentiva a participação política como algo a ser construída, não algo imposto ou simplesmente por necessidade.

Orienta para caminhos norteadores da verdadeira política, voltada para o bem comum de forma justa e ética. E, incentivar cidadãos a participarem das decisões políticas foi o que motivou a elaboração desse trabalho, para fornecer aos mesmos instrumentos, usando-se exemplos históricos, de luta, de resistência e ações que resultaram em felicidade coletiva. Mas, também usar-se de exemplos de atitudes desonestas na política como, roubo, corrupção, compra de voto e troca de favores que não incentivam a participação, pelo contrário os excluem de qualquer processo que envolva uma decisão política.

E, ao analisar as informações neste trabalho, a constatação de que a falta de interesse em participar das decisões políticas é grande, não por falta de informação ou formação, mas por desacreditar na política séria e ética. Dada a importância da política para a vida é sociedade é frustrantes encontrar jovens tão alheios a política e pior ainda é constatar que dessa apatia política os índices de políticos corruptos e a corrupção só aumentam. O medo de mudar choca e por isso, preferem aceitar pacificamente o cenário político do jeito que está.

Nesse sentido anti político é que a desigualdade, as injustiças praticada por ações políticas aumenta. Com a negação em participar da lugar ao retorno de regimes com nuances de monarquia e aristocracia, espaço para que o poder de decisão política fique nas mãos de poucas famílias (geração para geração) e grupos econômicos (empresários e industriais) é o fim do regime democrático, pois nem mais pelo processo eleitoral conseguirá reverter esse quadro excludente.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

- MARÇAL, Jairo (org). **Antologia de Textos Filosóficos** / Jairo Marçal, organizador. – Curitiba: SEED – PR., 2009. p.417-459
- MACHIAVELLI, Niccolò, 1469-1527. **O príncipe** / Maquiavel; tradução de Candida de Sampaio de Bastos. – São Paulo: DPL, 2008
- MACHIAVELLI, Niccolò. **Comentários sobre a primeira década de Tito Lívio**. Trad. de Sérgio Bath, Brasília, Editora Universidade de Brasília 1994.
- SAVIAN FILHO, Juvenal, **Filosofia e filosofia: existência e sentidos** / Juvenal Savian Filho. – 1. ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016
- Brasil, Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil, 1988**. – Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 1996.
- BOULOS JÚNIOR, Alfredo. **História – Sociedade & Cidadania**, 9º ano/ Alfredo Boulos Júnior. – São Paulo: FTD, 2009. (Coleção História – Sociedade e Cidadania)
- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**; Poética / Aristóteles; seleção de textos de José Américo Motta Pessanha. — 4. ed. — São Paulo : Nova Cultural, 1991. — (Os pensadores ; v. 2)
- <https://blogs.oglobo.globo.com/eissomesmo/post/presidente-da-camara-afirmou-que-casa-nao-precisa-ouvir-o-povo-nos-checamos.html>. Acessado em 16/06/2018
- <https://www.recantodasletras.com.br/artigos/1143406>, acessado em 03/06/2018
- https://pt.wikipedia.org/wiki/Mobiliza%C3%A7%C3%A3o_estudantil_em_S%C3%A3o_Paulo_em_2015 20/05/2018 00:55
- BARROS, Gilda N. M. de. Platão em Siracusa – a conversão do Tirano. **Revista Internacional d’Humanitats**, ano IX, n. 10, p. 31-38, 2006. Acessado em 27/05/2018

GRÁFICO 1 – O QUE É POLITICA?**COLÉGIO ESTADUAL DR. ROMÁRIO MARTINS – E.M. CRUZEIRO DO SUL**

GRÁFICO 2 – PARTICIPAÇÃO POLITICA**COLÉGIO ESTADUAL DR. ROMÁRIO MARTINS – E.M. CRUZEIRO DO SUL**